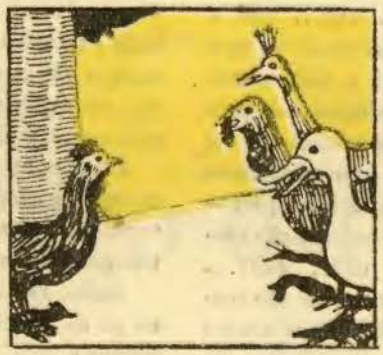
Ano I — Lisboa, 7 de Outubro de 1926 — N.º 44

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

Director literario: PAPIM
Director artistico: PAPUSSE

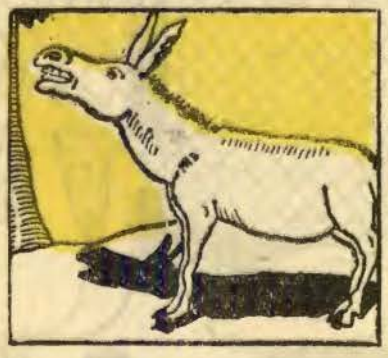
Mestre Galo era um cantor

Mestre Galo era um cantor
Que se julgava contralto,
Porque cantava mais alto
Do que o mais alto tenor.



Seus vizinhos: — um pavão,
Um perú e um pato ganso,
Chamavam-lhe às vêzes tanso,
Fartos de tal vozeirão,

Mas o galo respondia:
— «Quem assim tão alto canta,
E' porque tem na garganta
Um tesouro de harmonia!»



Mas nisto, sem se esperar,
Com um ar grave e casmurro,
Aparece perto um burro
Que principia a zurrar!

Cala-se o Galo; entretanto,
Ganso, pavão e perú,
Então preguntam-lhe: — «ó tu...
Que dizes dêste alto canto?!» —

— «¿Quem consegue dar tal zurro,
Quem assim canta tão alto,
E' baritono, é contralto,
E' tenor ou é... um burro?!»

AS PATAS CHOCAS

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

ERA uma vez um patinho corcunda, casado com uma patinha marreca.

Um dia entrou para a capoeira um casal de patos gansos. Então, o pato marreco com ciúmes da patinha corcunda: — *cuá... cuá... cuá!... cuá... cuá... cuá!...* começou a troçar do pato ganso, ao ouvido da pata marrequinha. E dizia baixinho, enquanto a pata sorria, admirando, contudo, lá bem no íntimo, a elegância do pato ganso: — «Repara, repara naquele enorme pescoço que até parece uma cobra branca!» Mas a patinha marreca, sorrindo dos ciúmes do pato corcundinha, pensava de si para si: — que linda cobra, que lindo pescoço!» E o corcundinha continuava todo cheio de inveja: — «*cuá... cuá.. cuá!...* repara, repara naquelas penas de neve, onde o sol não consegue pôr reflexos de oiro como nas nossas penas azuis e verdes doiradas!» Mas a patinha marreca, sorrindo dos ciúmes do pato corcundinha, scismava e dizia de si para si: — «Que pena não termos penas assim, tão brancas, tão alvas, tão lindas, tão belas!»

— *Cuá... cuá... cuá!...* ria o pato marreco, vendo o ganso com o pescoço às voltas, ora debicando nas penas da cauda, ora coçando com o bico amarelo, achatado, a plumagem do papo: — «*cuá... cuá... cuá!... cuá... cuá... cuá!...* Lembra um cesto com ásas! *cuá... cuá... cuá!...* Parece uma terrina de louça! *cuá... cuá... cuá!...* parece... parece a caricatura de um cisne!»

Então, a pata marrequinha, percebendo que era um sentimento de inveja o que o fazia falar daquela maneira, não se conteve mais que lhe não dissesse: — «Pois sim, mas quem me dera que dos meus ovinhos nascessem patos tão lindos!»

— «Deus me livrasse de termos filhos tão exquisitos!» retorquiu o pato corcunda, ainda mais mordido de ciúme e de inveja.

Entretanto a pata marrequinha ia pondo os seus ovos a um canto da capoeira, enquanto a patinha gansa ia também pondo os seus num outro cantinho ao lado. Até que, um belo dia, chocaram as duas patas.

■ ■ ■

Ora exactamente por essa ocasião, aconteceu que a dona da capoeira despedira, na véspera, a criadinha encarregada do serviço da criação. E uma nova criada, por sinal muito lorpa, veiu substituí-la.

Entrando na capoeira, a nova serviçal, sem saber ao certo quais seriam os ovos da patinha marreca e quais os da pata gansa e porque bem pensasse que as duas patinhas tanto chocariam uns como outros, pegou nos ovos da pata gansa e pô-los debaixo da patinha marreca, indo colocar, logo em seguida, debaixo da patinha gansa os ovinhos da pata marrequinha.

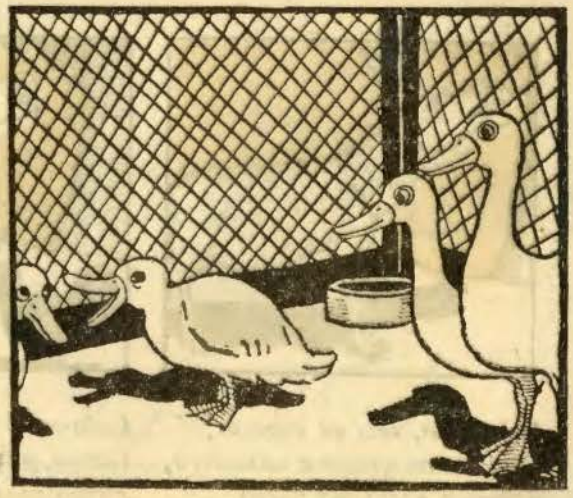
Finalmente, decorridas quatro semanas, os patinhos nasceram. Mas qual não foi a surpresa do patinho corcunda ao ver a patinha marreca cercada de patinhos gansos e a patinha gansa cercada de filhos corcundinhas.

Então, cheio de vaidade, o patinho marreco chegou-se ao pé da pata corcunda e segredou-lhe com ar de grande toleima:

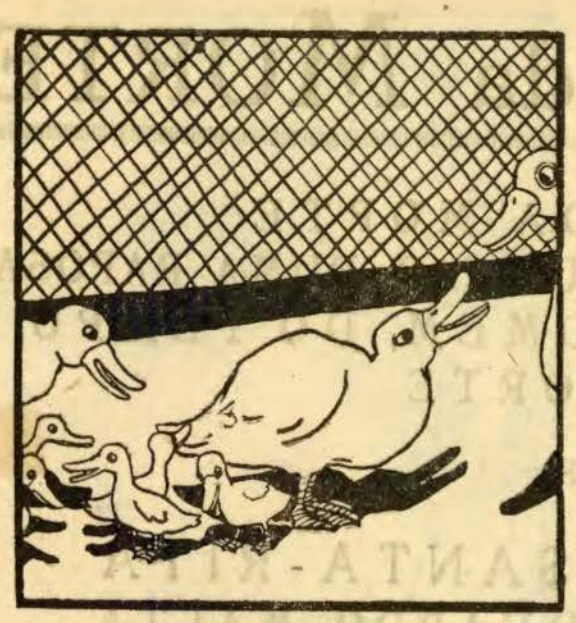
— «Vês...?! Fiz-te a vontade. Quizeste que eu te desse filhos airosos, elegantes, aí os tens!...»

E cheio de vaidade, acercou-se do outro pato e pôs-se a rir às gargalhadas, troçando dos filhos corcundinhas da pata gansa:

— «*Cuá... cuá... cuá!... cuá... cuá... cuá!...* que não me tenho com riso! Mas que filhos tão feios que



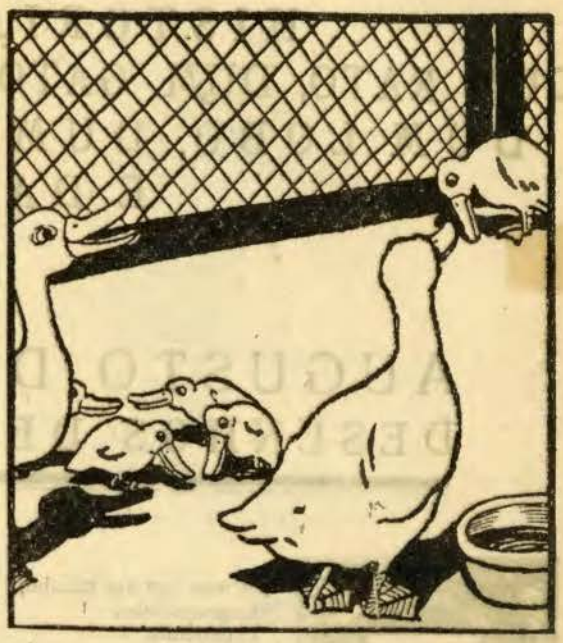
teve a tua patinha! Os nossos, sim!... os que a minha patinha teve é que são lindos! *Cuá... cuá... cuá!...*»



Mas nisto a patinha gansa, que era muito mais inteligente que o patinho marreco e adivinhara — (porque as mães adivinham sempre tudo) — o engano que houvera com a troca dos ovos, correu para junto do pato marreco e pôs-se a dizer-lhe num tom repreensivo:

— «Cala-te lá, toleirão! Estás a fazer uma figura ridícula! Pois tu não vês, imbecil, que os meus filhos são aqueles e os teus filhos são êstes! Que eu estou sendo a ama dos teus filhos e que a tua patinha é a ama dos meus!»

Então, o pato marreco, caindo em si, envergonhado por aquela boa lição como castigo à sua vaidosa petulância, sem coragem para responder, foi colocar-se, amuado a murcho, a um canto da capoeira, enquanto o pato ganso, por sua vez, ria a bom rir: — *cuá... cuá... cuá!... cuá... cuá... cuá!... cuá... cuá... cuá!...* que era um nunca acabar de gargalhadas!



FIM

ANEDOTAS

Um polícia pediu em casamento uma rapariga; ela não quiz; e êle então prendeu-a.

— Qual é o crime desta rapariga? perguntou-lhe o comissário.

Resistência à autoridade.

■ ■ ■

Na aldeia:

— Então, sr. abade, a pequena pode ir ao confêsso?

— Isso sim! Ela nem sabe que Jesus Cristo morreu para nos salvar!

— Não admira, como a gente nunca lê jornais... eu também não soube que ele estava doente.

■ ■ ■

— Luisinho que tem dois anos apenas, chora porque o mandam jantar na cosinha com a ama. Para o consolar diz-lhe esta: Não chore, meu menino. Em tendo bigodes já come à mesa com o papá.

Nisto o gato da casa salta para cima da mesa, onde o petiz começa a jantar.

Luisinho, muito zangado, enxotando o gato:

— Tu tens bigodes... vai jantar com o papá!

■ ■ ■

— Manuel! Já deitaste outra água na redoma dos peixes?

— Não, minha senhora!

— Então porquê?

— Saberá a senhora que êles ainda não beberam a que eu lhe deitei ontem!

■ ■ ■

Uma mulher pregunta ao marido, que costuma embebedar-se com freqüência:

— Mas para que é que bebes tanto, João?

— Cala-te mulher... E' para afogar as minhas penas.

— E consegues afogá-las?

— Qual cabaça! As malditas... sabem nadar!

■ ■ ■

Uma solteirona cai ao rio, e um rapaz apressando-se a salvá-la, grita-lhe:

— Dê-me a sua mão, minha senhora.

— Com muito gôsto; mas... falou já com os meus pais?

■ ■ ■

Uma senhora de idade, com vestido bordado, fingindo aranhas, pregunta a um sugeito muito espirituoso, o que tinha êle a dizer a tanta aranha.

— Nada, minha senhora, porque tais insectos são próprios das paredes velhas.

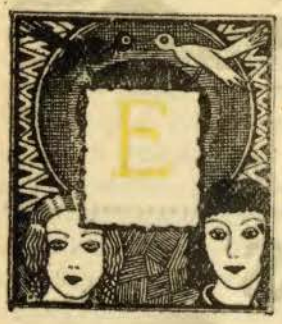
ROMEU HEITOR MENDES FERRÃO.

A MORTE da MORTE

HISTÓRIA DA MORTE DUM RATO, DUM GATO, DUM CAO, DUMA RAPOSA, DUM LOBO, DUM HOMEM, DO TEMPO E DA MORTE

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

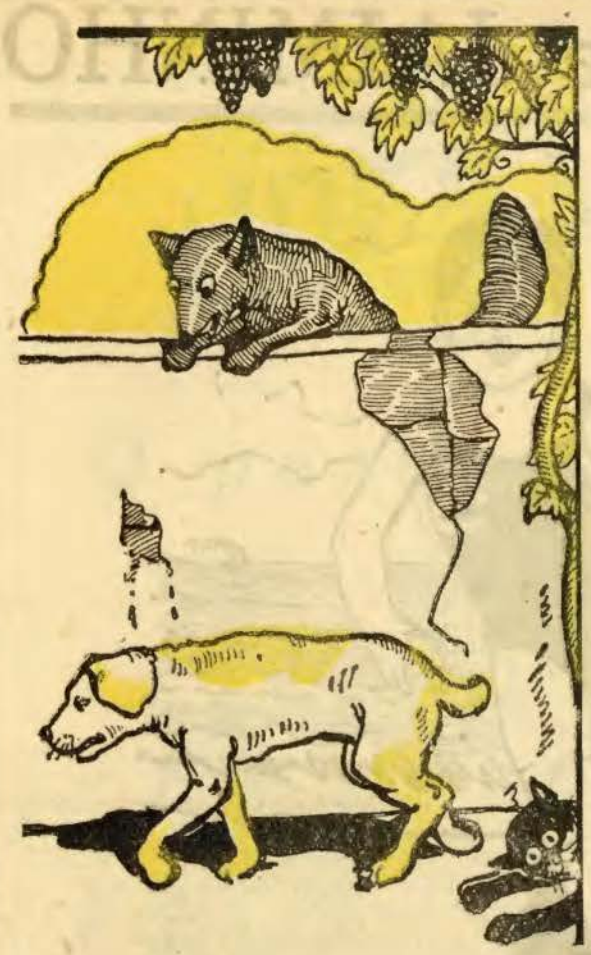


RA uma vez um ratinho,
Engraçadinho,
Espertinho,
Que era tenente cor'nel
E tinha num buraquinho
Redondinho,
Ao cantinho
Dum quartinho
Que dava para um quintal,
Um pequenino quartel,
O seu quartel general.

Mal o tenente cor'nel
Saía do seu quartel,
Os outros ratinhos todos,
— (Pelos modos
Seus soldados, —)
Logo, de todos os lados,
Perfilados,

— (Cabos, recrutas magalas...)
Numa enorme reverência,
Abrindo formosas alas,
Lhe faziam continência!

Mas um dia, Rinhánháu,
Um gatarrão, muito mau,
Que era anti-militarista
E já lhe andava na pista,
Pôs-se à porta do quartel
E muito fulo,
Num pulo,
De repente,
Táu...!
Engoliu, sùbitamente,
O ratinho,
Engraçadinho,
Que era tenente cor'nel!



Com gula,
De repente
Crava o dente,
Sobre o lombo, branco e pardo,
Dêsse enorme canzarrão;
E, ai, era uma vez um cão,
Um lindo cão São Bernardo!

■

Nisto um lobo que, do escuro,
Apenas à luz de um astro,
Espreitava atrás do muro,
— (Lindo muro de alabastro) —
O rastro
Dessa raposa,
Dá um salto
Muito alto,
E num pulo,
Muito fulo,
Salta em cima da matreira
Da raposa,
Que gulosa,
Lá de baixo,
Curiosa,
Olhava para a parreira,
A ver se via algum cacho,
E vai... devora a raposa!

■

Mas de súbito, — oh! diacho! —
Vem um homem que era guarda

(Continúa na página 8)

■

Nisto, um cão,
Um canzarrão,
Branco e pardo,
São Bernardo,
Que não gostava dos gatos
E achava gracinha aos ratos,
Muito fulo,
Deu um pulo,
De repente,
E num bom golpe de vista,
Ao...!
Devorou o gatarrão
Que era anti-militarista!

■

Entretanto, uma raposa,
Que era uma grande gulosa,
Lambareira,
E andava, muito lampeira,
A pensar no seu futuro,
Espreitando uma parreira,
Que havia lá no quintal,
Mesmo à beirinha dum muro,
— (Um muro de pedra e cal) —
Para cima dêle pula,
E muito fula,

GRACIETTE e JAIMINHO

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenho de EDUARDO MALTA

O Jaiminho,
Um bébézinho
Bastante pequerruchinho,
Que vive com seu padrinho.
Lá na Figueira da Foz;
— (Tal e qual um passarinho
Que tombasse do seu ninho
E que após
Tenteasse,
Saltitasse
No caminho,) —
O Jaiminho
Distante de seus avós,
De sua mãe, de seu pai,
De manhã cedinho, sai
Ao lado da sua aia
E, muito lépido, vai
Logo brincar para a praia,

Graciette, a sua amiga,
Uma linda rapariga,
— (Que os meninos, com certeza,
Já conhecem,
P'los lindos versos que faz,
Pois tanta vez aparecem
Nêste jornal, de surprêsa,
Entre as poesias que traz) —
Sua amiga, a Graciette
Ás vezes trata o Jaiminho
Por anjinho
E diabrete!

(CONTINÚA NA PÁGINA 7)

O pássaro na gaiola

O *stereoscópio* é um aparelho de óptica que permite obter a sensação do relevo, vendo cada olho uma imagem do mesmo objecto.

As duas imagens confudem-se por assim dizer, e obtem-se apenas a visão de um único objecto com o seu relevo.

Eis algumas experiências baseadas sobre este facto da visão binocular, ou *visão simples*, com os dois olhos, e de que o stereoscópio é uma das mais belas aplicações.

Desenha-se num bilhete de visita uma gaiola de 5 centímetros de altura, pouco mais ou menos, e um pouco ao lado desta gaiola, um pássaro virado para ela. Aplicando outro bilhete verticalmente entre a gaiola e o pássaro, e contemplando um objecto com cada olho — (para isso é preciso aproximar o nariz da aresta superior do cartão) — teremos ao cabo de um instante a ilusão de ver o pássaro pôr-se em movimento e penetrar na gaiola.

Em vez da gaiola desenha-se um rosto humano com a bôca aberta.

O pássaro, achando-se a muitos centímetros de distância desta figura anunciai que o ides fazer penetrar na bôca da personagem ao seu lado desenhada.

Para obter êste resultado basta aplicar o cartão contra a ponta do nariz do interlocutor, que pretendeis convencer, e fazer depois com que o cartão descreva um arco de círculo, da direita para a esquerda. Então o observador verá distintamente o pássaro voar para a bôca da figura.

GRACIETTE E JAIMINHO

(Continuação da página 6)

Agora, ao cabo,
Os meus meninos dirão:
— «Tal idea não lhe gabo!
No que a Graciette diz
Há decerto um desarranjo!
Pois o petiz
Se é anjo não é diabo,
Se é diabo não é anjo!

Mas, meninos, atenção:
— E' que as palavras, contudo,
Quer rimem ou quer não rimem,
— (Creiam que não vos iludo!) —
Não dizem só o que exprimem!

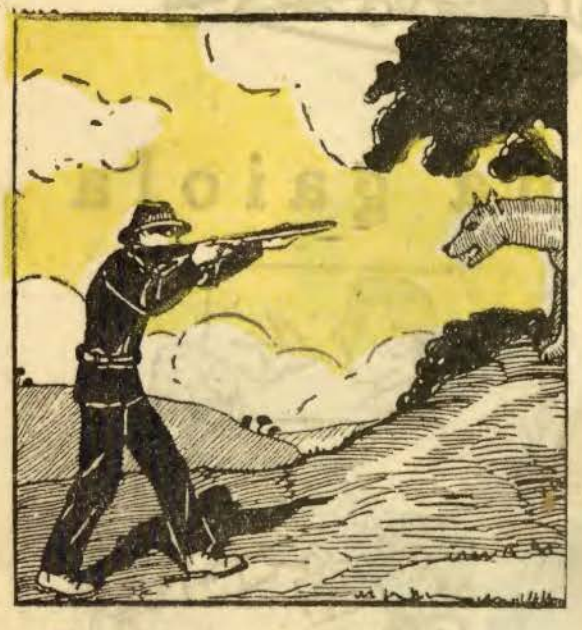
Não!

A intenção
E' que é tudo!

FIM

A MORTE DA MORTE

(Continuação da página 5)



E que, armado
De espingarda,
Lhe dispara um tiro: — *pum!*
.....
E agora era uma vez um
Lobo que andava esfaimado!

■

Passa algum tempo, depois,
— (Certo dia em certa data) —
Morto pelo Tempo, — (pois,
O Tempo a todos nos mata) —
Súbito morre — (coitado!) —
O guarda
Que, de espingarda,
Matara o lobo esfaimado!

■

Do que o Tempo inda mais forte
— (Pois não a vence ninguêm!) —
Entretanto vem a Morte
E mata o Tempo tambêm!!

■

Mas nisto, desce Jesus
Dos altos céus, do Além,
Com uma espada de luz...
E mata a Morte tambêm!!!

FIM

Á venda o IV volume da BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

LANTERNA MAGICA

Contos maravilhosos por José S. Rau — Ilustrações de Eduardo Malta